

SIMULANDO CONFERÊNCIAS INTERNACIONAIS – O CASO DA OEA: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA PARA TRABALHAR PAUTAS CONTEMPORÂNEAS EM GEOGRAFIA.

Alexandre dos Santos da Rosa¹

alexandresr21@hotmail.com

Resumo

O relato é uma breve produção textual acerca de uma das práticas pedagógicas desenvolvidas nas aulas de Geografia do Colégio Mãe de Deus em Porto Alegre/RS, cujo tema abordado foi “O combate à corrupção e o fortalecimento das democracias fragilizadas na América”. Para isso, simulamos um formato de conferência da OEA (Organização dos Estados Americanos), onde os alunos deveriam representar a posição política e posicionarem-se como representantes diplomáticos de tais países. Para o desenvolvimento da simulação, foi necessário que os alunos pesquisassem o tema e a posição dos países, tendo como aspecto fundamental uma releitura crítica sobre o tema, portanto foi necessário levar em conta questões históricas, políticas, econômicas, etc. Os alunos também prepararam-se para os possíveis desfechos que suas decisões poderiam trazer aos países representados e envolvidos. Para dar seguimento, serão abordados alguns procedimentos didático-pedagógicos que foram utilizados, explicitando em linhas gerais a metodologia e a corrente pedagógica nos orientou – o Construtivismo.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Geografia e Relações Internacionais, Construtivismo.

Introdução

Diante de cenários complexos, sobretudo no que tange escalas globais, por vezes fica um tanto quanto abstrata a abordagem de questões geopolíticas e de geografia política no ensino básico, até mesmo no Ensino Médio, ainda mais quando se busca inserir países periféricos em discussões e questões de geografia política, pois esses países não estão na mídia, sua população e problemáticas são na maioria das vezes invisibilizados.

No âmbito da produção acadêmica, a Geografia tem ficado “a margem” quanto os assuntos internacionais, perdendo espaço para os cursos ligados as Relações Internacionais.

¹ Licenciado e Bacharel em Geografia (PUCRS); Mestre e Doutorando do Curso de Pós-Graduação em Geografia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – POSGEA - Orientador Prof. Antonio Carlos Castrogiovanni. Atualmente atua nas redes pública e privada na Educação Básica (Ensino Fundamental e Médio).



Contudo, dos componentes curriculares presentes nas escolas brasileiras, qual ciência pode dar conta desses anseios se não a Geografia?

É inegável, porém, que a geografia, por sua trajetória, seus atributos teórico-conceituais e agenda temática, tem grande contribuição a prestar à área de estudos internacionais [...]. Basta elencar a questão territorial, o estudo do espaço e seus fluxos, como essencial para uma leitura acurada e crítica das relações interestatais e dos processos ocorridos em escala global, ou seja, o envolvimento da geografia com essa agenda de estudo e pesquisa é indispensável para pensar nossa prática de ensino voltado às escala regional e global. (PAUTASSO, 2015, p. 96).

São nas aulas de Geografia que surgem demandas relativas a conflitos, migrações, produção e geração de energia, divisão do trabalho, comércio internacional, guerras, entre outras problemáticas. Logo, a Geografia é a disciplina com o potencial de socialização no nível escolar do conhecimento contemporâneo, principalmente, na área das Relações Internacionais.

Posto tal desafio, inspirado em uma experiência ocorrida na UFRGS², mais especificamente ao evento UFRGS MUNDI³, que foi muito significativo para a maioria dos estudantes do Colégio no ano anterior 2017, acabamos por criar uma simulação interna para estudantes da segunda série do Ensino Médio do Colégio Mãe de Deus – Porto Alegre/RS. A simulação foi realizada durante o segundo semestre de 2018, com as Turmas 201 e 202 (Ensino Médio), experiência denominada MD MUNDI, contou com pesquisa sobre o tema “O combate à corrupção e o fortalecimento das democracias fragilizadas na América”. Para isso, cada delegação representava um dos trinta e cinco países que compõe a OEA (cada delegação foi composta por dois alunos), os “delegados” estudaram previamente sobre os países e regras para que ocorresse a simulação. Eles deveriam pautar a discussão e proposições a partir da busca pela minimização das fraudes eleitorais, das fraudes nas urnas, de fraudes midiáticas e da fiscalização eleitoral. Cabe destacar que por ser uma escola privada, favoreceu esse tipo de formato, pois contamos tanto com recursos físicos quanto com humanos para a realização da simulação.

Seguindo a ideia de aprofundamento e aplicabilidade dos conhecimentos, essa modalidade de simulação de conferências permite que vários fóruns, nacionais e internacionais

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³ O UFRGSMUNDI é um projeto de simulação da Organização das Nações Unidas voltada a alunos do Ensino Médio de todo o Rio Grande do Sul

possam ser simulados, adequados a diferentes estruturas e realidades. Escolhemos a OEA⁴ e o tema, por ser um assunto da contemporaneidade e por ser uma temática que apresenta bastante instabilidade em nosso continente. Pensamos também ser uma excelente oportunidade para que não destacássemos apenas países centrais e que pudéssemos dar evidência especialmente para países da América Latina. Essa experiência faz com que os alunos se coloquem sob a ótica de realidades periféricas, mergulhe na produção das desigualdades e ao mesmo tempo os imbuí na tentativa de propor soluções frente aos problemas que assolam a maioria dos países, levando em conta que precisam negociar a partir da lógica dos fatos, conhecimentos, argumentos e documentação do que foi produzido.

Assim sendo, o projeto MD MUNDI corrobora com a lógica da produção de uma geografia crítica, onde se pode exercitar na prática a leitura de mapas, da distribuição espacial dos fenômenos, e principalmente a diplomacia, pois os mesmos colocam-se delegados simulando serem diplomatas ou chefes de Estado.

Quanto à importância de temáticas que provoquem a leitura espacial, Castrogiovanni e Costela (2007, p. 7) defendem que a Geografia Crítica, busca a superação das desigualdades, pois a história do capitalismo leva a seletividade, estabelece uma divisão territorial e social das ações, diferencia, cria e privilegia lugares.

A simulação da OEA foi uma oportunidade para os alunos exercitarem a cartografia e a leitura de mapas e a espacialidade como um todo, pois precisavam não apenas localizar e compreender o contexto dos países que cada aluno representava, mas também, estudar outros países suas múltiplas problemáticas para que pudessem fluir as discussões e poderem formular propostas.

Outra questão que nos faz refletir e apostar nesse formato metodológico é o seguinte:

Temos sentido que a escola está cada vez mais distante dos educandos, fazendo com que acabem presenciando mais conflitos do que trocas, mais vazios que satisfações. Essa é uma realidade que professores de escolas públicas e privadas enfrentam durante a obrigatoriedade dos seus duzentos dias letivos. Temos a sensação de que embora a escola procure incluir, internamente pelas práticas oferecidas parece excluir. (CASTROGIOVANNI; COSTELLA, 2007, p. 8).

4 Organização dos Estados Americanos.



Logo, acreditamos que o formato de simulações constitui-se como um importante instrumento potencial para romper com a lógica inerte de indiferença no ambiente escolar, tanto dos educandos, quanto dos educadores.

Inquietações frente ao desafio do ensinar

Nossa experiência é calcada principalmente nas ideias do suíço Jean Piaget, ou seja, no Construtivismo. A teoria propõe que o aluno participe ativamente do próprio aprendizado mediante a experimentação, partindo de habilidades propostas pelo professor. Há a valorização da experiência pessoal do aluno, o estímulo à dúvida e à busca do desenvolvimento do raciocínio. Também cabe destacar da necessidade de se pensar na aprendizagem como um processo: subjetividade e os reflexos nos fazem agir, até mesmo para nos inserirmos em determinados grupos:

“Construtivismo significa isto: a ideia de que nada, a rigor, está pronto, acabado, e de que, especificamente, o conhecimento não é dado, em nenhuma instância, como algo terminado. Ele se constitui pela interação do indivíduo com o meio físico e social, com o simbolismo humano, com o mundo das relações sociais; e se constitui por força de sua ação e não por qualquer dotação prévia, na bagagem hereditária ou no meio, de tal modo que podemos afirmar que antes da ação não há psiquismo nem consciência e, muito menos, pensamento” (BECKER, 1994, p.21).

Portanto uma aula que se limita a pó e giz, com um professor apenas ditando os “conteúdos” aos alunos, não proporcionará situações para aprendizagem. Assim adotamos o Construtivismo e por consequência o projeto de simulações como alternativa a esse viés tradicional.

Creemos que somente a partir da ação e protagonismo do aluno é que ele vai estabelecendo as propriedades dos objetos e construindo as características do mundo, ou seja, vai se tornando competente para ser um ator social constituído de cidadania.

Habilidades como compreender o espaço, a paisagem, a região, o território e o lugar como categorias que explicam as transformações da sociedade em uma perspectiva crítica, surgem da própria interação da criança ou adolescente, com o meio em que vive, e isto na Geografia é essencial. Vão sendo formados esquemas que lhe permitem agir sobre a realidade de um modo muito mais complexo do que podia fazer com seus reflexos iniciais e a sua conduta vai enriquecendo-se constantemente; suas competências vão alargando-se em forma de espiral,

como é o conhecimento. Assim, constrói um mundo de objetos e de pessoas onde começa a ser capaz de fazer antecipações sobre o que irá acontecer.

Baseados nesses procedimentos é que procuramos conduzir nossas aulas de preparação e a culminância no dia da simulação, acreditando no projeto de simulação como alternativa que foge do tradicional e que causem desequilíbrios. Em muitos casos pode parecer um pouco diferente para os alunos, uma vez que estão acostumados a um sistema automático, mais tradicional, por outro lado, temos a potencia do desafio e do protagonismo. Mas, como no Colégio o conceito é mais presente e praticado, os alunos aceitaram com naturalidade a proposta.

Nesse sentido a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), complementando a temática, propõe que:

Os estudantes desenvolvam a capacidade de estabelecer diálogos – entre indivíduos, grupos sociais e cidadãos de diversas nacionalidades, saberes e culturas distintas –, elemento essencial para a aceitação da alteridade e a adoção de uma conduta ética em sociedade. Para tanto, define habilidades relativas ao domínio de conceitos e metodologias próprios dessa área. As operações de identificação, seleção, organização, comparação, análise, interpretação e compreensão de um dado objeto de conhecimento são procedimentos responsáveis pela construção e desconstrução dos significados do que foi selecionado, organizado e conceituado por um determinado sujeito ou grupo social, inserido em um tempo, um lugar e uma circunstância específicos. De posse desses instrumentos, espera-se que os jovens elaborem hipóteses e argumentos com base na seleção e na sistematização de dados, obtidos em fontes confiáveis e sólidas. A elaboração de uma hipótese é um passo importante tanto para a construção do diálogo como para a investigação científica, pois coloca em prática a dúvida sistemática – entendida como questionamento e autoquestionamento, conduta contrária à crença em verdades absolutas. (BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR, 2018, p. 561-562).

Portanto a BNCC também aponta suas perspectivas sobre o método Construtivista, onde interpretamos, por exemplo, a importância do “erro” e a exposição de ideias, não como um tropeço, mas como um trampolim na rota da aprendizagem. Durante as simulações não sabemos exatamente os rumos que tomarão as discussões, até por isso, o professor toma o papel de mediador, mas o protagonismo é todo dos alunos.

A teoria construtivista condena a rigidez nos procedimentos de ensino, as avaliações padronizadas e a utilização de material didático demasiadamente estranho ao universo pessoal do aluno. Ao contrário, as disciplinas devem estar voltadas para a reflexão e auto avaliação;



portanto a escola não é considerada “rígida”, o que não quer dizer falta de comprometimento e disciplina. Mais do que uma linha pedagógica, o Construtivismo é uma teoria psicológica que busca explicar como se modificam as estratégias de conhecimento do indivíduo no decorrer de sua vida.

O constante desafio é que ser professor, ainda mais de uma disciplina tão fantástica como é a Geografia, nos faz pensar e repensar, antes de qualquer coisa, para que serve o ensino de Geografia? O espaço geográfico, tenso e dinâmico, não cabe dentro de nossas expectativas acadêmicas, pois somos constantemente surpreendidos por novas complexidades envolvendo objetos e ações. Mas, tentando equacionar esta aparente contradição com a questão posta anteriormente, voltemos à questão: Para que serve o ensino de Geografia? Uma resposta interessante é posta por Lacoste:

É justamente o interesse crescente – e não o desinteresse para que se passa no mundo – o que determina, em grande parte, as dificuldades dos professores de Geografia, a relação pedagógica veio a ser transformada, pois o mestre não tem mais, como outrora ou como acontece ainda com outras disciplinas, o monopólio da informação. (...) hoje, mestre e os alunos recebem ao mesmo tempo, simultaneamente com as atualidades, uma massa de informações geográficas, caóticas. Geografia em pedaços, o ocasional, o espetacular, sem dúvida, mas Geografia de qualquer forma. (LACOSTE, 1988, p.182).

Assim sendo, a Geografia instiga no professor ser um constante pesquisador para ser motivador, a partir do grande desafio que é fazer a mediação e conexão entre os aparentes recortes, que constituem o espaço geográfico.

Portanto, além de procurarmos romper com paradigmas e trazer o novo para a sala de aula, salientamos o cunho Construtivista que marca nossos planos e projetos de aulas, assim como essa produção textual.

Caminhos Investigativos

O objetivo deste trabalho é relatar nossa experiência de prática Pedagógica, exercida no Colégio Mãe de Deus de Porto Alegre/RS, ano de 2018 com as turmas de segunda série do Ensino Médio (Turmas 201 e 202), no segundo semestre do mesmo ano. Tínhamos como proposta para as aulas desenvolver competências como relacionar, associar e principalmente desenvolver o poder crítico, propiciando a construção de novas relações espaciais, para possibilitar ao aluno a descoberta

de um novo olhar, através da desconstrução de paradigmas preestabelecidos, muitas vezes simplistas e até preconceituosos sobre a maioria dos países americanos, em especial os Latinos.

De modo mais sintético e destacando nossa proposta pedagógica, ou seja, nossas intenções para a aula enquanto possibilidade de aprendizagem por parte dos alunos, nosso objetivo era criar condições para que os alunos reconstruíssem noções sobre a instabilidade que historicamente rondam as democracias americanas. Para isso, foi essencial estudar o que significam os Direitos Humanos e a Democracia, as diferentes abordagens ideológicas acerca do tema, Perceber os possíveis interesses econômicos por trás da temática e re-construir suas noções sobre o que é Democracia a partir de uma abordagem crítica.

Acreditando que a aula sempre deve trazer algo novo, inquietante, para iniciarmos nossos trabalhos em sala de aula sobre a reconstrução de noções sobre “O combate à corrupção e o fortalecimento das democracias fragilizadas na América”, procuramos logo pelo desequilíbrio, trazendo notícias, confrontando o senso comum que ronda os tempos atuais, às *fake news*, problematizando o sentimento de autossuficiência expresso por muitos alunos, pois essa é a essência do modelo construtivista. Ou seja, restabelecer paradigmas por meio da desacomodação. “A habilidade do professor está no novo, não na reprodução; está no desafio de alterar, através de práticas criativas e sempre contemporâneas” (CASTROGIOVANNI, 2007, p. 24).

Apoiados nessas premissas, orientamos bibliografias, *sites*, materiais e pequenos debates prévios antes da simulação final. No dia da simulação final, os alunos compareceram com vestimenta formal, o ambiente contou com placas, púlpito e bandeiras dos países, o que aumentou a formalidade e a “veracidade” para os alunos em representarem seus respectivos países. A intenção era provocá-los sobre possíveis relações entre a situação interna e externa dos países, frente a sua própria condição institucional, fazendo com que eles viessem a pensar sobre os possíveis desfechos que suas decisões poderiam acarretar. Junto a isso propusemos situações para as quais os alunos deveriam levantar hipóteses sobre os possíveis interesses econômicos, sociais e ambientais inter-relacionados, também os diferentes pontos de vista quanto ao “problema” em questão. Devido à diversidade de visões e as novas possibilidades de desenvolvimento da simulação deve-se ressaltar o seguinte:



A cada nova provocação ou assunto que surge, há que sistematizar as novas discussões. [...] Também são importantes novas leituras para evitar a simples reprodução do que se sabe de “orelha”. Apontar as contradições: sobre uma mesma questão ou solução pode-se ter muitas visões. Isso vai criando neles, se insistirmos na análise crítica e no registro, uma maior desenvoltura em termos de argumentação e raciocínio. (KAERCHER, p.142, 2002).

Portanto a simulação, embora planejada e com objetivos dirigidos, os rumos dos debates não são rígidos, podendo os alunos encaminhar soluções por vezes distantes das situações reais. A necessidade do registrar, da pesquisa, inclusive durante a simulação em relação ao que está se aprendendo e ensinar o que os alunos demonstram maior interesse, desde que seja coerente com a aprendizagem geográfica, pareceu ser um bom (re)curso metodológico. Assim procuramos proporcionar situações pedagógicas nas quais os alunos construíssem habilidades e competências. Relacionar, nesse caso, foi fundamental para que fossem criadas e refutadas hipóteses sobre as Crises Democráticas. São as decisões globais agindo sobre as locais, refletidas em nossas práticas do dia-a-dia, reeducando o olhar para outra forma de ver a geopolítica, atingindo até mesmo o questionamento de paradigmas relativos às migrações, aos níveis de padrão de consumo e de novos hábitos ditos ecológicos - verticalidades e horizontalidades (SANTOS, 2006).

Para dar maior embasamento, levamos vídeos e notícias que eram disponibilizadas em meio às discussões, como se fossem produzidas por diferentes veículos de imprensa, o que fomentou e deu dinamicidade ao debate. Naturalmente, os pontos de vista eram distintos, mas o fato de os alunos terem que representar a posição do país e não a sua posição pessoal aguçou a participação deles, que opinavam, criticavam, mostravam-se interessados tanto nos aspectos ideológicos e mercadológicos quanto nos ambientais.

O que podemos sentir quanto ao interesse dos alunos foi uma predisposição para o ato de aprender, motivados pelas situações que foram surgindo no decorrer da preparação e da simulação.

Considerações não tão finais

Consideramos que a proposta foi exitosa, uma vez que conseguimos desequilibrar os alunos quanto aos paradigmas preestabelecidos, a respeito das crises democráticas e quanto a necessidade de fortalecê-las. Os alunos traziam construções embasadas principalmente nas

informações veiculadas na mídia sensacionalista, o que nos permitiu problematizá-las e aperfeiçoá-las. Ao final acreditamos ter proporcionado uma reconstrução com maior grau de complexidade, conseqüentemente mais crítica em relação a um tema tão contemporâneo como esse. Por tais resultados, nosso objetivo é relatar aos demais colegas leitores uma alternativa possível para transformar as aulas de Geografia mais atraentes aos olhos dos alunos.

Fica mais claro a nós próprios, educadores, que há construção do conhecimento por parte dos alunos quando propiciamos situações férteis. Não acreditamos na aula perfeita ou na aplicabilidade da teoria em um passo-a-passo sem percalços; mas, acreditamos na aula proveitosa, enriquecedora, provocativa e aberta às interpretações possíveis e em acordo com o que o aluno já traz consigo.

No decorrer da preparação e na simulação final, foi possível perceber nos alunos um maior entendimento do que é, e qual a importância da Democracia e da Geopolítica e também, quanto as diferentes abordagens que podemos fazer. Para finalizar, cremos que a reconstrução da noção de Democracia e da sua importância por uma abordagem crítica só foi possível porque confrontamos ideias, as demonstrando com os recursos utilizados, mas, também, porque confrontamos teoria com um modelo prático. O modelo de simulação é uma alternativa aplicável a assuntos de base teórica, com certa clareza epistemológica; desse modo, talvez, tenhamos atingido um dos grandes objetivos de qualquer professor: a práxis.

De modo mais sintético e destacando nossa proposta pedagógica, ou seja, nossas intenções para a aula enquanto possibilidade de aprendizagem por parte dos alunos, nosso objetivo era criar condições para que os alunos reconstruíssem leituras sobre o nosso continente (não de maneira isolada), e valorassem o apreço pela Democracia.

Referências bibliográficas

BECKER, Fernando. **Modelos Pedagógicos e Modelos Epistemológicos**. In Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 19, nº 1, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>. Acesso em: mar. 2019.



CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos e COSTELLA, Roselane Zordan. **Brincar e cartografar com os diferentes mundos geográficos: a alfabetização espacial**. 1ª edição. EDIPUCRS, Porto Alegre, 2007.

LACOSTE, Yves. **A Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 3ª edição. Editora Papirus, Campinas, 1988.

PAUTASSO, Diego. Geografia Política e Relações Internacionais no Ensino Médio. In: Antônio Carlos Castrogiovanni, et. al. (Org.). **Movimentos no ensinar geografia: Rompendo rotações**. 1ª Edição. Porto Alegre: Evangraf, 2015, p.93-108.

SANTOS, Milton. **A Natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 3ª edição. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.